

“É UMA VERDADE UNIVERSALMENTE CONHECIDA QUE UM HOMEM SOLTEIRO QUE POSSUA GRANDE FORTUNA DEVE ESTAR À PROCURA DE UMA ESPOSA”: APROPRIAÇÕES NARRATIVAS E RELAÇÕES DE GÊNERO NO FILME “ORGULHO E PRECONCEITO” (2005)

Palavras-Chave: Gênero e Sexualidade, História e literatura, Adaptações cinematográficas

Autoras:

Marina Lahr de C. Rovari, IFCH – UNICAMP

Profª. Dra. Raquel G. A. Gomes, IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O trabalho aqui apresentado visa discutir adaptações cinematográficas inspiradas em livros canônicos da literatura, usados pela História como fontes, e transformados por meio do cinema contemporâneo em novos materiais de consumo e apropriação. Nesse sentido, a pesquisa analisa as expectativas e construções dos gêneros masculino e feminino na indústria cinematográfica influenciada por Hollywood nos anos 2000. Tal eixo de análise perscruta de que maneira diretores, roteiristas e outros adaptadores contemporâneos moldaram e modificaram personagens de forma que dialogassem com uma performance específica de masculinidade e feminilidade. Essa proposta foi executada mediante ao estudo das protagonistas representadas na adaptação cinematográfica da obra *Orgulho e Preconceito* (2005), dirigida por Joe Wright e inspirada no romance homônimo de Jane Austen (1813).

Sendo essa uma das obras mais adaptadas e famosas da autora em questão, o filme de 2005 vem de uma longa série de outras produções cujo foco narrativo foi o romance entre as personagens e o desenvolvimento do protagonista masculino. Nesse contexto, temos uma produção que transcende seu objeto de inspiração, dadas as modificações nas personagens, cuja performance de gênero dialoga com o período de feitura da adaptação e com os desejos do público receptor; bem como os destaques representados no longa, que são diferentes dos elementos privilegiados por Jane Austen em sua escrita.

Portanto, essa pesquisa busca principalmente: discutir as mudanças encontradas nas adaptações de um romance consagrado do século XIX e quais seus usos pedagógicos na contemporaneidade, haja vista que há expectativas de gênero performadas pelas personagens, que criam um modelo a ser seguido para os consumidores da obra, assim como também existe uma exaltação do romance entre as protagonistas, que é privilegiado na narrativa fílmica em detrimento das críticas sociais explicitadas pela autora no romance. Dessa forma, são preteridas características e críticas importantes como aquelas referentes ao classismo inglês, à liberdade feminina dentro de uma sociedade patriarcal e aos aspectos econômicos relacionados ao casamento, junto da visão austeniana de amor. Lembrando que por ser uma obra europeia e escrita por uma mulher branca e de classe média, seu público e personagens se encaixam num grupo social específico do círculo de Austen. Isso não diminui o caráter crítico do romance, mas demonstra um recorte de raça e classe que deve ser evidenciado, já que as lacunas de uma obra representam uma fonte rica de informações e análises para a historiografia.

METODOLOGIA:

A metodologia desta pesquisa se baseou em revisões bibliográficas sobre o tema em questão, principalmente estudos referentes a teoria do cinema, adaptações, literatura e estudos de caso específicos da obra aqui explorada, além de pesquisas sobre a autora e o romance *Orgulho e Preconceito*. Uma análise relacional de gênero somada a estudos historiográficos e de recepção também foram fundamentais para o enriquecimento e contextualização da pesquisa. Para além disso, foram analisadas cenas emblemáticas¹ do filme de 2005 que são reproduzidas a exaustão em diversos meios de comunicação pelos fãs, sendo também referenciadas em outras produções.

Sendo assim, foi possível investigar como um livro do século XIX se mantém famoso até a atualidade, por meio das apropriações feitas a partir dele, que culminaram em inúmeras produções audiovisuais. Nesse sentido, tais obras sempre se revelam como produções de seu tempo, contendo enfoques particulares e podendo propagar e compactuar com ideias específicas. Exemplos disso são os padrões de gênero, consumo, construção de personagens e exaltação do romance. Logo, é possível entender como a contemporaneidade visualiza o passado por meio de uma fonte literária e quais aspectos dela são ressaltados, de modo que o público receptor se aproprie dessas obras de forma sugestionada.

Destarte, por meio de paisagens bucólicas, cenas que exaltam o romance e o evocam, somado a um recorte de classe promovido por estratégias visuais, tais como a vestimenta das personagens, sua moradia e comportamento, táticas nem sempre apreendidas pelos espectadores, temos um rico material de análise para entender quais recepções do passado prevalecem na contemporaneidade e de que forma adaptadores podem apresentar o ponto de vista de sua cultura por meios audiovisuais, que serão apropriados e ressignificados por seus receptores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Fazendo uso da metodologia citada foi possível depreender que a contemporaneidade percebe a autora Jane Austen como a precursora do gênero das Comédias Românticas atuais: filmes românticos voltados em geral para o público feminino, denominados *Chic Flicks*. No entanto, como Maria Clara Biajoli argumenta, essa leitura torna as obras de Austen muito simplistas e reduzidas ao relacionamento romântico entre as protagonistas e ao personagem masculino e seu desenvolvimento, que apesar de ocorrer no romance não é o foco da narrativa.

A redução de comédias românticas a filmes acrílicos e previsíveis não é de tudo errônea, porém é importante entender que apesar de tais obras conterem essas características, não deixam de apresentar uma faceta do pensamento atual sobre como são disseminados os padrões de vida, gênero, romance e consumo. Afinal, cada filme demonstra uma pedagogia própria que apresenta de que maneira homens e mulheres devem agir. Seja em padrões corporais, profissionais, ou referentes a personalidade, e principalmente em relação ao amor romântico; as adaptações de *Orgulho e Preconceito* são claros exemplos desse fenômeno.



Figura 1- Cena Emblemática da Flexão de Mão- Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/44754590040015862/>



Figura 2- Elizabeth e os tios viajando pelo Campo- Fonte: *Orgulho e Preconceito* (2005)

¹ Alguns exemplos dessas cenas são: cena emblemática da flexão de mão (Figura 1), primeira proposta de casamento de Darcy a Lizzy (Figura 2), A segunda proposta de Casamento em meio a neblina (Figura 4) e a primeira dança entre as personagens (Figura 5)

Nesse sentido, as obras adaptadas, modificam e subtraem aspectos dos livros para que o filme seja executado, visto que segundo Robert Stam (2006) e Linda Hutcheon (2013) tais obras não tem compromisso com a fidelidade ao texto original, embora isso seja esperado pelo público. Estas mudanças podem ser pouco perceptíveis, como quando a adaptação suplanta alguns pontos da obra em que foi inspirada para que o filme funcione; porém, também podem gerar mudanças em toda a narrativa, fazendo dessa produção algo novo e de seu tempo, o que traz uma mensagem distinta da pensada pelo autor original.

Tal acontecimento em geral não se configura como problemático, afinal alguns autores trazem aspectos passíveis de críticas em seus romances, e cabe a nós ter essa percepção, que pode ser explicitada nas produções audiovisuais. No entanto, algumas adaptações escolhem reduzir aspectos críticos da obra original, como ocorre nas produções de *Orgulho e Preconceito*, para torná-las aprazíveis para o público, focando em características românticas ou personagens específicos. Assim, o conflito entre classes é diminuído e a história passa a ter como mote principal o discurso do amor romântico, pregando sua infalibilidade diante das adversidades, o que culmina num clichê comum e previsível, típico de comédias românticas hollywoodianas.

De acordo com George Lellis e H. Phelipe Bolton no ensaio “*Pride but not Prejudice*” (1981) um diretor ou roteirista teria imensa dificuldade de demonstrar a evolução de Lizzy, ou seja, seu preconceito, ao passo que o orgulho de Darcy seria mais simples de sugerir visualmente, visto que para a personagem feminina seriam necessárias palavras, já que não temos acesso ao seu pensamento como na obra escrita. No entanto, tais argumentos não são suficientes para justificar a escolha narrativa da adaptação de focar no personagem masculino, já que a linguagem cinematográfica é rica o bastante para usar de outros artifícios no desenvolvimento de Elizabeth Bennet. No mais, o foco no herói Sr. Darcy, transformou o protagonista em questão em alvo de uma obsessão dos receptores da obra, a chamada *darcymania*.²

Na adaptação de 2005, Darcy encarna a estética do herói reformado típica dos anos 1980 (Singer, 1982)³ junto da performance do herói byroniano. Nela, ele é um homem perturbado, sensível e taciturno que ao longo da narrativa vai se modificando e evoluindo como personagem na medida em que é rejeitado por Elizabeth Bennet. A partir da rejeição de uma mulher de classe inferior, e por quem ele nutria afeto, a personagem percebe que suas atitudes devem ser repensadas. Na obra de Austen, apesar de ser silencioso e orgulhoso, Darcy não é descrito de forma tão byroniana como na adaptação de Wright. No livro ele é mais confiante de sua posição social e do que ela fornece a ele, mesmo sendo quieto e aparentemente antipático.

O filme do início do século XXI caracteriza o personagem de maneira dramática, o que é visível em diversas cenas nas quais ele é representado por meio de elementos mais românticos do que na obra de Austen. Cenas como aquelas em que ele propõe casamento a Lizzy são algumas das mais romantizadas na adaptação de Joe Wright, contendo grande tensão entre as protagonistas, com cenários bucólicos repletos de neblina,



Figura 3- Primeira proposta de casamento de Darcy a Lizzy-Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/422281208427459/>



Figura 4- Segunda Proposta de Casamento em meio a neblina-Fonte: *Orgulho e Preconceito* (2005)

² Obsessão dos leitores com a personagem do Sr. Darcy, promovendo um fenômeno mercadológico e cinematográfico que foca ainda mais nesse protagonista masculino. Esse fenômeno tem início em 1995, mas é reavivado pela adaptação de 2005.

³ Essa construção é explicitada no ensaio de Linda Singer *We Still Need the Eggs: Hollywood's Love Fetishes for the Eighties* (1982), que compõe um herói cujas falhas são mais atraentes do que suas virtudes, pensando em suas vulnerabilidades.

chuva ou o amanhecer, mostrando o que é tido como romântico na atualidade e fazendo uso dos simbolismos da paisagem para gerar uma atmosfera misteriosa e romantizada (De Paula, 2022).

No filme, os encontros significativos entre as protagonistas ocorrem com eles a sós em ambientes rurais, em geral ao acaso, e sem o conhecimento de outros personagens, coisa impensável para mulheres solteiras de classe média, que se encontradas nessa posição se tornariam desonradas perante a sociedade. Essa modificação promovida pela adaptação apesar de artística e esteticamente bela, promove uma concepção distinta do que o livro propõe, de forma que a obra seja reduzida ao romance, à figura masculina e a suas interações com outras personagens. Dessa maneira, *Orgulho e Preconceito* quando adaptado perde parte de sua crítica social, apesar de ser um dos romances mais críticos de Austen.

É importante frisar que as obras da romancista são ficções domésticas que saem do imaginário de uma mulher branca europeia e de classe média, a *gentry* da Inglaterra. À vista disso, há limites de representatividade em sua escrita que devem ser salientados, afinal por ser uma mulher inglesa, o imperialismo está presente em sua escrita. No entanto, não se deve desconsiderar as críticas presentes na obra, já que ela apresenta a visão e vivência de Austen como mulher numa sociedade patriarcal e dividida em classe sociais, mostrando que seu livro contém informações valiosas enquanto fonte histórica.

Orgulho e Preconceito é um livro romântico, o que não está em xeque, no entanto, o amor não é suficiente para vencer barreiras de classe entre duas pessoas pobres. Lizzy não se casa com um homem de renda baixa, ela é caracterizada como racional justamente por não se deixar levar por sentimentos quando sabe que é importante se manter financeiramente. Além disso, ela é uma mulher numa sociedade a qual, além de patriarcal e machista, acabou de passar pela Revolução Industrial, que gerou subempregos para a classe proletária. O romance de Austen sequer toca nesses pontos, pois a autora pertence a classe média e suas visões são limitadas a esse espaço. Tanto que a personagem Lizzy também faz parte da *gentry*, e não foi educada pensando na possibilidade de trabalhar, para ela, a única forma de sustento é o casamento com alguém que possa mantê-la financeiramente e fazer dela uma mulher respeitável em seu meio social. A construção dessa personagem evidencia como foi a educação de Jane Austen, mostrando que autora não escreve sobre pessoas de classe baixa porque não foi uma mulher pobre. Assim os silêncios de sua obra são frutíferos por indicar como a diferença entre classes promovia ideais de vida distintos.

Cabe argumentar que o amor dentro da obra de Austen subverte a ordem classista vigente dentro da sociedade inglesa, mas isso só funciona quando uma das partes possui os meios econômicos para se manter. A autora não escreve obras românticas entre pessoas de classes baixas, o que é perceptível principalmente em *Orgulho e Preconceito*, livro no qual o aspecto econômico é sempre salientado. Exemplos disso ocorrem com alguns personagens da obra, como Charlotte Lucas, grande amiga de Lizzy, que se casa com o primo pedante dos Bennets, Sr. Collins. Isso ocorre pois ela se sente um fardo para a família aos 27 anos, precisando de um marido que a mantenha financeiramente, e apesar de um casamento pouco satisfatório em termos pessoais, a personagem tem uma vida confortável e respeitável. Já com Lydia, irmã mais nova e imatura da protagonista, há o exemplo de um casamento malsucedido, de acordo com Austen, pois a menina se casa com o soldado mau caráter, Wickham, o qual não possui fortuna. Logo, tal união se torna infeliz por ser entre pessoas que além de possuírem uma parca renda, também têm atitudes e personalidades imprudentes. Tanto que o casal acaba quase que inteiramente sustentado pelo homem mais rico do romance: Sr. Darcy.



Figura 5- Primeira dança de Darcy e Lizzy-
Fonte: *Orgulho e Preconceito* (2005)

A adaptação aqui analisada apresenta tais acontecimentos, mas o público em geral se apropria apenas dos aspectos que são de seu interesse, o que dialoga com Barthes em seu célebre ensaio “*A morte do Autor*” (2004), pois a partir do momento que a obra sai das mãos de seu criador, será adaptada e ressignificada pelos receptores. Porém, algumas produções escolhem aspectos específicos para destacar, o que facilita sua apropriação pelos espectadores. Como o amor romântico é exaltado e a figura de Darcy também, os pontos mais implícitos, como as tensões sociais presentes no filme, ficam à margem da apropriação.

Além disso, a ambientação do romance numa Inglaterra pacífica e bucólica promove uma visão referente à Europa que faz estrondoso sucesso, tornando-a palco da subcategoria dos filmes históricos chamada “*Period Films*”, os Romances de Época atuais, que de acordo com Ira Königsberg (1997) apresentam um tempo histórico e os acontecimentos reais daquele período com um tratamento altamente ficcional, podendo tomar grandes liberdades históricas. Tais romances enfocam o amor romântico e o relacionamento entre as personagens, apenas se situando no tempo histórico escolhido, como o século XIX inglês. Estas geralmente ignoram o imperialismo, racismo e as opressões promovidas por esse espaço a outros locais, visto que tais produções não têm qualquer compromisso com a fidelidade histórica. Estas obras se dizem inspiradas no trabalho de Austen, o que lhes dá credibilidade no mercado colocando-as como interessantes, apesar de contribuírem para uma visão errônea, romantizada e acrítica das obras da escritora e da própria História. Tais romances não devem ser diminuídos por seu conteúdo, mas precisam ser entendidos como obras fictícias possuidoras de um ideal romantizado explícito, o que as difere das obras de Jane Austen e, mais ainda, do fazer historiográfico.

CONCLUSÕES:

Foi possível depreender que há uma visão acrítica dos romances de Jane Austen por grande parte das pessoas, pensando em suas obras como algo leve, que renunciaria as comédias românticas contemporâneas cujo tema principal é o clichê romântico. Porém, a visão de amor romântico de Austen difere da propagada em tais produções. Além disso, é pertinente falar da mudança na representação da performance masculina do personagem Sr. Darcy, que de acordo com o período em que a adaptação foi feita se adequa a um ideal masculino referente ao tempo da obra, o que explicita as intenções pedagógicas referentes a ações ou ideais propagados por meio da linguagem cinematográfica. Ademais, cabe lembrar do caráter comercial que os filmes tomam, querendo agradar ao público de forma que haja retorno financeiro, o que faz com que modificações em roteiros sejam ainda mais patentes. Por conseguinte, é perceptível que o cinema é influente culturalmente em seus espectadores, ainda mais com adaptações que além de já possuírem uma rede de apreciadores advém de obras consagradas.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*, in *O Rumor da Língua*, Tradução Mario Laranjeira, revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva- 2 edição- São Paulo Martins Fontes, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Adaptação*. tradução André Cechinel. 2. ed. - Florianópolis : Ed. da UFSC, 2013.
- STAM, Robert. *Teoria e Prática da Adaptação: da Fidelidade à Intertextualidade*. New York University Florianópolis jul/dez 2006 pp.20-56
- DE PAULA, Beatriz Soares de. *O Amor Romântico da Literatura para o Cinema: Um Estudo de Caso de Orgulho e Preconceito*. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (Ilaach) Cinema e Audiovisual, Foz do Iguaçu 2022
- KONIGSBERG, Ira. *The Complete Film Dictionary*. 2nd Ed. Ed. Ira Königsberg. New York: Penguin Group, 1997.
- SINGER, Linda. "We Still Need the Eggs: Hollywood's Love Fetishes for the Eighties." *Objects of Special Devotion: Fetishism in Popular Culture*. Ed. Ray B. Browne. Bowling Green, Ohio: Bowling Green University Popular Press, 1982. 21 - 32.